



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TATIANA DE FREITAS SILVA

(De) FORMAÇÃO E INFÂNCIAS CONTRA A BARBÁRIE:
Uma análise crítica a partir da Música Another Brick In The
Wall

Londrina
2022



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Londrina
2022

TATIANA DE FREITAS SILVA

(De) FORMAÇÃO E INFÂNCIAS CONTRA A BARBÁRIE:
Uma análise crítica a partir da Música Another Brick In The
Wall

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dr^a. Marta Regina Furlan de Oliveira

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S586 SILVA, TATIANA .
(De) FORMAÇÃO E INFÂNCIAS CONTRA A BARBÁRIE: Uma análise crítica a partir da Música Another Brick In The Wall / TATIANA SILVA. - Londrina, 2022.
63 f. : il.

Orientador: Marta Regina Furlan de Oliveira .
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.
Inclui bibliografia.

1. EDUCAÇÃO - Tese. 2. TEORIA CRITICA - Tese. 3. BARBÁRIE - Tese. 4. INFÂNCIA - Tese. I. Furlan de Oliveira , Marta Regina . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

TATIANA DE FREITAS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Orientadora: Prof. Dr.^a. Marta
Regina Furlan de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Alex Sander da Silva
Universidade do Extremo Sul Catarinense-
UNESC

Prof.^a Marta Silene Ferreira Barros
Universidade Estadual de Londrina- UEL

(De) FORMAÇÃO E INFÂNCIAS CONTRA A BARBÁRIE:
Uma análise crítica a partir da Música Another Brick In The
Wall

Londrina, 18 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Como uma grande admiradora da música, a melhor forma de iniciar meus agradecimentos é citando um trecho da canção coração de estudante, no qual o compositor Milton Nascimento diz: ***“Há que se cuidar do mundo, tomar conta da amizade, alegria e muito sonho espalhados no caminho”***.

Tomando como ponto de partida esse trecho da canção, pensando em minha trajetória acadêmica não posso deixar de lembrar de todas as pessoas que trilharam esse caminho junto a mim.

Assim, presto meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a existência desse trabalho, enriquecendo minha formação acadêmica e sobretudo humana.

À Deus primeiramente, pois me capacitou desde o primeiro instante do processo de seleção e por não deixar minha fé esmorecer.

À minha vó Dona Lurdes, por ser uma mulher que tanto me engajou, mostrando-me a importância da mulher alcançar seus objetivos e de conquistar sua independência.

À minha orientadora Prof^a Marta Furlan por acreditar em mim, na minha pesquisa, por me inspirar e me motivar. Mostrando-se amiga, prestativa e conselheira, mesmo em momentos de luto e dor.

À minha professora, amiga e conselheira Cláudia Chueire por nunca soltar minha mão, por sempre me incentivar a ingressar nessa trajetória acadêmica.

Aos professores do Departamento de Educação e do Programa de Pós Graduação da UEL, no qual compartilharam momentos de conhecimento e experiências, assim contribuindo significativamente para minha formação acadêmica.

À banca examinadora por aceitar o convite de participar desse momento de extrema importância em minha vida, contribuindo generosamente com essa pesquisa.

A todos que, de alguma forma, cooperaram para que esta pesquisa fosse realizada.

Dedico esse trabalho á todas as pessoas que de algum modo foram vítimas de atos bárbaros. Que esse trabalho sirva como fonte de resistência e coragem para alcançarmos uma sociedade emancipada.

[...] é preciso emancipar a humanidade. É na autonomia e na incomparabilidade do indivíduo que se cristaliza a resistência contra o poder cego e opressor do todo irracional. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.196)

SILVA, Tatiana de Freitas. **(De) formação e infâncias contra a barbárie: Uma análise crítica a partir da Música Another Brick In The Wall**. 2022. 63 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Atualmente vivemos numa sociedade danificada que abre espaço para a reprodução da barbárie tão temida pelo frankfurtiano Theodor Adorno. Embora o pensador da Teoria Crítica de Sociedade não ter se debruçado efetivamente sobre o conceito de infância, suas contribuições revelam complexidades de um tempo histórico marcado pelo antagonismo entre sociedade e formação e, de certa forma, permite uma compreensão aguçada sobre o processo formativo do indivíduo e por que não, da infância enquanto condição humana, social e cultural. Mediante a isso, há o paradoxo em relação ao conhecimento teórico avançado sobre a infância em contraposição com a incapacidade da geração atual de lidar com as crianças. Na compreensão de Adorno para que Auschwitz não se repita, o processo de desbarbarização deve ser o foco principal da educação. Diante disso, o objetivo geral é analisar de forma crítica a propagação da barbárie na infância contemporânea e na educação enquanto processo formativo humano a partir das confluências entre o clipe musical *Another Brick in the Wall* da banda Pink Floyd e uma educação contra barbárie na infância. A metodologia se configura numa pesquisa qualitativa, com estudo bibliográfico e análise documental da respectiva música. A base teórica limiar é a Teoria Crítica de Sociedade à luz dos fundamentos dos pensadores da Escola de Frankfurt e leituras secundárias de pensadores contemporâneos. Por meio do respectivo levantamento bibliográfico acerca da interlocução entre a Infância, Educação, Formação e a Teoria Crítica de Sociedade, é preciso acolher e minimizar, por meio da formação docente, as desigualdades sociais e educacionais em defesa de uma educação da infância atenta às condições de cada comunidade educativa e, que garanta os processos democráticos e humanizadores do ensino. A infância, por esse ângulo, deve ser reconhecida enquanto condição social, e a criança como cidadã de direito a uma educação emancipatória e igualitária.

Palavras-chave: Educação. Infância. Formação. Barbárie. Teoria Crítica.

SILVA, Tatiana de Freitas. **(De) formation and childhoods against barbarism: A critical analysis from the Music Another Brick In The Wall**. 2022. 63 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022

ABSTRACT

Considering that we currently live in a damaged society, it is possible to notice a space made to reproduce the so feared barbarism discussed by Theodor Adorno of Frankfurt School. Although the scholar of Critical Theory has not effectively focused on the concept of childhood, his contributions reveal the complexities of a historical time characterized by the antagonism between society and education and, in a matter of speaking, allows a keen understanding of the formative process of the individual in reverse of the childhood as a human, social and cultural condition. Through this, there is the paradox concerning the advanced theoretical knowledge about childhood in opposition to the inability of the current generation to deal with children. In order to assure that Auschwitz does not repeat, the process of debarbarization must be the main focus of education. Therefore, the general aim is to critically reflect on the spread of barbarism in contemporary childhood and education as a human formative process from the confluences with Pink Floyd's music video Another Brick in the Wall. The methodology is qualitative research, with bibliographic study and critical analysis of the respective song. The theoretical outset basis is the Critical Theory of Society in the light of the foundations of the Frankfurt School scholars, as well as the readings of contemporary thinkers. Within the respective bibliographic survey on the dialogue between Childhood, Education, Development, and the Critical Theory of Society, it is necessary to embrace and decrease, throughout teacher education, social and educational inequalities in defense of a childhood education attentive to the conditions of each educational community, ensuring the democratic and humanizing processes of teaching. Childhood, from this perspective, needs to be recognized as a social condition being the child considered a citizen entitled to an emancipatory and egalitarian education.

Keywords: Education. Childhood. Development. Barbarity. Critical theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Show em Curitiba.....	36
Figura 2 – Cena parquinho.....	40
Figura 3 – Violência física pelo professor.....	42
Figura 4 – Professor autoritarista.....	43
Figura 5 – Professor oprimido.....	45
Figura 6 – Massificação dos alunos.....	46
Figura 7 – Clamor dos alunos.....	48
Figura 8 – Manifestação dos alunos.....	48
Figura 9 – Pink adulto.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 INFÂNCIA E CULTURA CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR PELAS LENTES DA TEORIA CRÍTICA.....	19
2.1 TEORIA CRÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS.....	19
2.2 INFÂNCIA, CONSUMO E BARBÁRIE.....	24
2.3 TECNIFICAÇÃO DA INFÂNCIA E A BANALIZAÇÃO DA VIDA.....	29
3 ANOTHER BRICK IN THE WALL: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO.....	34
3.1 ANOTHER BRICK IN THE WALL: A ESCOLHA E SEU CONTEXTO.....	34
3.2 “TODOS SÃO TIJOLOS NO MURO”: INFÂNCIA, TEMPO E EXPERIÊNCIA.....	38
3.2 “HEI PROFESSORES! DEIXEM, NÓS, CRIANÇAS EM PAZ”: A BARBÁRIE REFLETIDA NO PROCESSO FORMATIVO.....	44
4. NÓS NÃO PRECISAMOS DO CONTROLE DO PENSAMENTO: O CLAMOR DA INFÂNCIA CONTRA A BARBÁRIE DA EDUCAÇÃO.....	50
4.1 RESISTIR É PRECISO: POR UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA.....	52
5. CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	60

ANEXO A – Letra da música completa

1 INTRODUÇÃO

A cada dia que se passa, somos surpreendidos por acontecimentos que causam tensões e frustrações em âmbito social e formativo. A realidade social contemporânea tem sido marcada por atitudes de pessoas inamistosas e insultuosas ao próximo. Essa variação de acontecimentos cotidianos tem causado um certo descontentamento com a condição humana e seu processo formativo. Em detrimentos dos múltiplos desafios que se impõem neste contexto pandêmico regido pela tecnificação das relações humanas, é imperioso espelhar a proteção da vida para todos e todas, sobretudo para a infância.

Ao estreitar o olhar para as práticas educativas, há evidências de que em certos momentos tem-se configurada a pedagogia do equívoco¹ em que “muitos profissionais pedagógicos que atuam diretamente com a criança acabam distorcendo seus propósitos educativos, em função de um mundo da utilidade, do fazer, da superficialidade e do esvaziamento dos sentidos e, caminham para o autoritarismo do saber.” (OLIVEIRA, 2019, p.468). Por conseguinte, abre-se espaço para o enraizamento da reprodução da barbárie tão temida pelo frankfurtiano Theodor Adorno.

Em sua obra *Educação e Emancipação*, Adorno (1995) revela seu entendimento sobre a barbárie, considerando que a civilização se encontra em seu mais alto nível tecnológico, contudo, as pessoas se encontram numa condição tardia à sua própria humanidade a ponto de serem tomadas por uma certa agressividade primitiva, ódio e impulso para destruição.

De maneira lastimável, muitas vezes, “a barbárie é encontrada nos próprios sistemas sociais, existem elementos de barbárie, momentos repressivos e opressivos no conceito de educação, esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura. ” (ADORNO, 1995, p. 156). A educação, nesse ponto de vista, tem se voltado a uma formação dirigida ao contexto mercadológico e utilitarista, pautada nos moldes da semiformação.

Por essas trilhas da adaptação, a educação enquanto porta-voz da formação humana tem se permitido voltar seus propósitos para os condicionantes de

¹ A expressão *pedagogia do equívoco* foi utilizada com base no texto *Autoridade pedagógica ou autoritarismo na educação para a infância?* Reflexões em Hannah Arendt e a Teoria Crítica.

dominação e vassalagem. Em certas ocasiões, há evidências de que as práticas educativas têm se voltado ao processo de reprodução da barbárie, ao se enquadrar aos ditames da indústria da cultura, da reificação e coisificação da vida e da formação.

Adorno (1995) tece considerações a fim de evitarmos a reprodução da barbárie na sociedade, a preocupação substancial do Frankfurtiano é que Auschwitz não se repita. Para tanto, o processo de desbarbarização deve ser o foco principal da educação. Pensar numa educação contra a barbárie “exige, portanto, uma crítica radical das mediações objetivas e subjetivas² pressupostas das relações tecnificadas” (SILVA, 2019, p.76). Assim, para que não haja repetição de *Auschwitz* é necessário pensarmos em uma educação para a autorreflexão crítica.

A **justificativa** formal deste estudo, é decorrente da inserção ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e participação no Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Infância e Teoria Crítica com o Projeto de Pesquisa intitulado: “Semiformação e Educação no contexto da sociedade danificada: para além do território demarcado” da Universidade Estadual de Londrina. Além, das minhas experiências e vivências enquanto professora da educação básica. De maneira pessoal, há uma apreciação da música *Another Brick in the Wall (Pink Floyd)*, por esta trazer inquietações e reflexões, para compreender o processo de constituição da infância, educação e barbárie.

A canção é muito conhecida, contudo apenas sua primeira parte é mais repercutida. Com isso, ela é muito utilizada para ilustrar os movimentos da pedagogia tradicional. Ao conhecer a Teoria Crítica e compreender seus conceitos pude ampliar a capacidade de reflexão sobre a música, para além de sua primeira parte. Este apreçamento também se deu desde anos escolares anteriores por revelar contradições sociais, educacionais e culturais do que se prega nos discursos que se manifestam em relação à formação pelo processo educativo escolar.

Diante disso, é necessário pensarmos na formação do indivíduo que impulse o pensamento de tomada de consciência, a fim de rompermos com as

²Na obra *Eclipse da Razão*, Max Horkheimer (2002) apresenta a racionalidade em duas faces, sendo elas, objetiva e subjetiva. A razão subjetiva é compreendida como funcionamento abstrato do pensamento, concedendo pouca importância à indagação, relacionando-se basicamente com meios e fim. No que concerne a razão objetiva, Horkheimer explica que tal razão pode ser entendida como uma harmonização coletiva, dedicando suas reflexões as ordens sociais em sua totalidade.

relações tecnificadas, ou seja, despertando os indivíduos do adormecimento do pensamento, da alienação e da massificação da vida e das relações humanas.

No que se refere ao **problema da pesquisa**, interessa-nos compreender: Como se dá a propagação da barbárie na infância e na educação contemporânea na perspectiva da expressividade formativa do videoclipe da música *Another Brick in the Wall* da banda britânica Pink Floyd (1979)?

O **objetivo geral** é analisar de forma crítica a propagação da barbárie na infância contemporânea e na educação enquanto processo formativo humano a partir das expressividades do videoclipe ***Another Brick in the Wall* da banda britânica Pink Floyd**. Os **específicos** são: a) Entender o conceito de infância e os modos de ser da cultura contemporânea pelas lentes da Teoria Crítica; b) Analisar o videoclipe e a barbárie educativa que é repercutida; bem como pensar o papel docente na educação de crianças; c) Desenvolver a crítica imanente pelo processo de autorreflexão e emancipação da infância e formação docente, tomando como fonte o videoclipe e os fundamentos da Teoria Crítica de Sociedade.

Compreender a crítica imanente pelo processo de autorreflexão e emancipação da infância e formação docente, tomando como fonte o videoclipe e os fundamentos da Teoria Crítica de Sociedade; d) Repensar a sociedade, educação, formação e infância pelos limiares da desbarbarização

Como **metodologia da pesquisa**, propõe-se um estudo teórico-conceitual interpretativo sustentado nos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade especialmente em: Theodor Adorno e Horkheimer (Educação e Emancipação; Indústria Cultural; Estudos sobre a personalidade autoritária) , Walter Benjamin (A hora das crianças; Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação), dialogando com leituras secundárias de pensadores contemporâneos, como Pucci (2012), Oliveira (2011; 2015; 2019), Silva (2019) entre outros, com o qual será analisado o vídeo clipe *Another Brick in the Wall* (1979) da banda Britânica Pink Floyd, para a realização da análise documental utilizamos cenas printadas do clipe retiradas da plataforma Youtube. Por meio do respectivo levantamento bibliográfico acerca da interlocução entre a Infância, Educação, Formação e a Teoria Crítica de Sociedade, é preciso acolher e minimizar, por meio da formação docente, as desigualdades sociais e educacionais em defesa de uma educação da infância

atenta às condições de cada comunidade educativa e, que garanta os processos democráticos e humanizadores do ensino.

A partir desta premissa, argumentamos a partir das seguintes categorias de análise: **infância; educação e formação**. Com intenção de proporcionar uma ressignificação dos conceitos anteriormente citados. Pelas trilhas dos pressupostos dos pensadores frankfurtianos.

Ao utilizarmos o videoclipe para construir uma interpretação do processo destrutivo da educação escolar ali representada e da conseqüente barbárie produzida nos espaços que teoricamente deveriam ser educativos. Buscamos repensar a sociedade, educação, formação e infância pelos limiares da desbarbarização; da educação formativa escolar em busca de horizontes postulantes de uma educação libertadora das relações tecnicizadas que se voltam unicamente ao processo de transmissão e repetição acrítica do conhecimento.

A presente pesquisa está organizada em 3 (três) momentos que estão explicitados em forma de capítulos. No primeiro capítulo desenvolvemos uma reflexão sobre a “Infância e cultura contemporânea: um olhar pelas lentes da teoria crítica”. Na reflexão, intencionamos analisar: a) os fundamentos da Teoria Crítica; b) Infância na contemporaneidade; c) Tecnificação da infância e banalização da vida.

Adiante, no segundo capítulo intitulado “Another Brick in The Wall: Análise crítica sobre infância, educação e semiformação” refletimos acerca da: a) Infância, Educação e Semiformação; b) A barbárie refletida no processo formativo.

No terceiro capítulo “Nós não precisamos do controle do pensamento: o clamor da infância contra a barbárie da educação” empenhamo-nos em buscar respostas para o seguinte argumento: a) Resistir é preciso: Por uma tomada de consciência.

Nesse âmbito, ressaltamos a relevância desta discussão em consideração à necessidade de uma formação e atuação docente que esteja ancorada por fundamentos humanísticos do ensino e, que de certa forma, impulsione as crianças para uma aprendizagem reflexiva desde sua menor idade.

2 INFÂNCIA E CULTURA CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR PELAS LENTES DA TEORIA CRÍTICA

A partir do contexto social em que estamos inseridos, a infância e a cultura contemporânea acabam sendo expressões dos moldes mercadológicos e midiáticos, além disso, a sociedade tem caminhado para uma regressão, diariamente somos disciplinados de forma massificadora, onde o indivíduo se torna cada vez mais passivo e submisso e objeto de dominação

Há a crença de que tais episódios fortalecem a formação de uma cultura fragilizada e que caminha para um processo formativo coisificado. Silva (2019, p. 75) considera que para Adorno, “a fragilidade da cultura ou o limite da crítica cultural residiria em seu caráter antirreflexivo, em seu praticismo, no sentido de permanecer estanque em relação ao próprio conceito”. Diante desse contexto, a infância e a educação acabam expressando essas sentenças da vida e das relações humanas em seu cotidiano e, conseqüentemente, fortificando a reprodução da barbárie discutida por Theodor Adorno.

Deste modo, objetivo desse capítulo visa caracterizar a infância e cultura contemporânea pelas lentes da Teoria Crítica de Sociedade, por acreditar que esta base teórica se relaciona com os propósitos críticos desta caracterização. Considerando a infância como uma condição humana envolvida por fatores biológicos e sociais, pensá-la de maneira crítica torna-se o desafio desta pesquisa.

2.1 TEORIA CRÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS

Ao nos debruçarmos sobre a Teoria Crítica, de antemão, é necessário compreendermos seu percurso e contexto histórico. O berço da Teoria Crítica foi estabelecido a partir da fundação do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, e tempo depois, denominada Escola de Frankfurt. Em 1923 iniciava a construção do edifício que funcionaria como sede do Instituto de Pesquisas Sociais

em Frankfurt, embora fosse construído dentro da Universidade de Frankfurt, o instituto mantinha sua autonomia financeira. O suporte financeiro para a criação do instituto foi de responsabilidade do pai de Felix Weil, um rico imigrante argentino do ramo cerealista (MOGENDORFF, 2012)

Naquele período o Instituto se consolidava em meio a um cenário pós Primeira Guerra Mundial, e prestes a iniciar a Segunda Guerra Mundial. Em virtude do conflito global e pelas atrocidades incitadas pelo fascismo e nazismo, os pensadores frankfurtianos sentiram a necessidade de se repensar de forma crítica os problemas sociais da época.

O objetivo inicial do Instituto era o de promover, em âmbito universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883). (NOBRE, 2004). “O projeto teórico inicial de cunho fortemente marxista deu lugar a um projeto filosófico e político único, ao propor uma teoria crítica que fosse capaz de apreender a sociedade do início do século XX.” (MOGENDORFF, 2012, p. 152). Contudo, o arcabouço teórico dos frankfurtianos, não estava apenas ancorada em Marx, mas:

[...] era também herdeira de Freud e Nietzsche, pensadores que mudaram a maneira de ver a sociedade e refletir sobre o homem e sobre a cultura. E é justamente sob a direção de Horkheimer que o Instituto alcançou visibilidade como instituição de pesquisa e voz crítica ao desenvolvimento da indústria cultural. (MOGENDORFF, 2012, p. 154).

Inicialmente, a direção do Instituto ficou na responsabilidade de Carl Grünberg, no qual, mantinha como atividade a editoração de uma revista voltada para o socialismo e do movimento operário (FREITAG, 1986). Todavia, Carl Grünberg não permaneceu por um longo período no cargo de direção, em decorrência de um acidente vascular cerebral Grünberg deixa a direção do Instituto e Horkheimer passa a assumi-la em 1931.

Horkheimer permanece dando continuidade ao trabalho da gestão anterior, contudo, em 1932 Max Horkheimer inicia gradualmente um processo de mudanças no instituto, tanto nos aspectos teóricos, quanto na amplitude dos colaboradores, introduzindo uma grande inovação para a época. Nesse mesmo ano, Theodor Adorno e Herbert Marcuse passam a fazer parte do instituto. (MOGENDORFF, 2012). Diante das mudanças, e na busca contínua de uma concepção crítica da sociedade vigente, Horkheimer substitui a revista anterior, pela

revista de Pesquisa Social, na qual, seria utilizada como veículo de comunicação e divulgação dos teóricos frankfurtianos (FREITAG, 1986).

Em meio a um cenário de barbárie e dominado pelo movimento nazista, e incluindo o fato de Hitler ter assumido como chanceler, o Instituto de Pesquisa passa a ser alvo de ataques e perseguições. Diante dessa condição, Horkheimer compreende a necessidade da criação de filiais do Instituto em Genebra, Londres e Paris. Nobre (2004, p. 18) esclarece que:

Com a solidariedade de intelectuais franceses e ingleses, o Instituto abre pequenos escritórios em Londres e em Paris e passa a editar a revista na capital francesa. Em busca de uma nova sede para o Instituto, Horkheimer recebe uma oferta muito favorável da Universidade de Columbia, em Nova York, o que permite, já em 1934, a transferência das instalações.

No ano de 1934 Max Horkheimer transfere efetivamente o Instituto para Nova York, propriamente filiado a Universidade de Columbia. Mediante as interferências e intervenções nazistas, o Instituto passa por um longo período exilado em Frankfurt. A retomada em solo alemão acontece apenas em 1950, naquele momento ao retornar Horkheimer se depara com uma Alemanha liberta do nazismo, porém arruinada. Novamente as mudanças marcam o Instituto de Pesquisa Social, Horkheimer permanece na direção até 1967 e em seguida passa a direção para Theodor Adorno.

Nesse breve percurso histórico e narrativo os intelectuais da Escola de Frankfurt visualizaram uma teoria que orientasse para o caráter emancipatório e crítico, a chamada Teoria Crítica de Sociedade. Horkheimer em seu ensaio sobre Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1991) explica que a Teoria Crítica visa uma reorganização social, na tentativa de superação do modo de dominação dos traços da barbárie.

Deste modo, a função da Teoria Crítica é justamente:

[...] analisar a formação social em que isto se dá, revelando as raízes deste movimento — que não são acidentais — e descobrindo as condições para interferir em seu rumo. O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu dever. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. (ADORNO. 1995, p.11).

Assim sendo, a Teoria Crítica se difere da Teoria Tradicional, uma vez que, a Teoria Tradicional é desprovida de promover o caráter emancipador. A Teoria Crítica mostra-se preocupada com as relações humanas, com as relações sociais, em emancipar o sujeito e libertando do adormecimento da consciência coisificada, ou seja, da instrumentalidade. Com base nisso, oportunizando ao indivíduo desenvolvimento de suas capacidades críticas.

2.2 INFÂNCIA, CONSUMO E BARBÁRIE

Considerando que a economia e a sociedade contemporânea, no Brasil são regidas pelo capitalismo de concepção neoliberal os quais acabaram sujeitando as pessoas e “todas as áreas sociais – sobretudo saúde, educação e segurança social – ao modelo de negócio do capital, ou seja, a áreas de investimento privado que devem ser geridas de modo a reproduzir ao máximo o lucro para os investidores” (SANTOS, 2020). À vista disso, diariamente somos pressionados por essa lógica e pelo fetiche do consumo no que se refere ao ato de consumir no qual produz nos indivíduos uma sensação de poder, ou seja, a busca por essa sensação de ter ao invés de ser, tem sido frenética e constante. Os gatilhos das propagandas e da influência da indústria intenciona fascinar o indivíduo de que para seu bem-estar não há outro caminho senão pelo consumo de mercadoria.

A obra “*Crítica da estética da mercadoria*” de Haug (1997) traz uma contribuição sobre esse assunto, ao analisar de modo sociológico o destino da sensualidade e do desenvolvimento das necessidades do capitalismo. Nesse prisma, a obra “é crítica por descrever a forma de funcionamento de seu objeto, bem como as condições de sua possibilidade, a sua contraditoriedade e os seus desdobramentos históricos” (HAUG, 1997, p.13). Esse destino fascinante da mercadoria pela lógica do consumo é concebida pelo autor como estética da

mercadoria que, também, pode ser reconhecida como a crítica da manipulação, principalmente no que se refere aos efeitos da manipulação, firmando assim uma posição contrária. Assim, “a objetividade da felicidade e do sofrimento fundamenta também a da manipulação” que, de certa forma, atinge tanto adultos quanto crianças (HAUG, 1997, p.14)

No que concerne às características da sociedade contemporânea, Oliveira (2011, p. 273) corrobora afirmando que:

A sociedade contemporânea está marcada pelas relações capitalistas de trabalho, produção, mercadoria, consumo, indústria cultural, tecnologia e manipulação pela cultura midiática. Os sujeitos nela inseridos são constituídos pelo que consomem, pelo que têm, pela lógica consumista predominante nas relações sociais, de trabalho, de lazer, de educação.

Ao estreitarmos nossos olhares para a infância, sabemos que seu conceito tem se constituído a partir de processos históricos, culturais e sociais, variando de acordo com suas organizações sociais. “ao pensarmos sobre a infância, há a necessidade de compreendermos o sujeito que dela participa, no caso, a criança, um ser biológico, histórico e cultural que transforma o mundo e por ele é transformado e que tem peculiaridades do desenvolvimento como ser humano.” (SAITO; OLIVEIRA; 2018, p.2).

Nesse viés, ao refletirmos sobre a infância no contexto de uma sociedade regida por esses ditames mercadológicos e consumistas, é perceptível que cada dia que passa as crianças estão se tornando consumidores necessários ao capital, dentre outras questões que corroboram para o processo de fragilidade estabelecida na infância e na criança.

É visível o discurso da criança quando o assunto envolve consumo, infelizmente, o espírito de competitividade sobre aquele que detém em proporção maior sobre o outro está presente na infância e, que se revela pela “promessa estética do valor do uso”, que designa um complexo funcionalmente determinado pelo valor de troca e oriundo da forma final dada à mercadoria (HAUG, 1997, p.15).

Em consideração a isso, a sociedade contemporânea tem influenciado de forma intensa na formação da criança em decorrência das marcas e mercadorias que tem direcionado o olhar dos pequenos para o processo mercadológico, da vida, das relações, do brincar entre outras questões. Posto isso, Benjamin (2009) em suas reflexões defende um movimento contrário, estabelecendo críticas ao modismos e falsa modernidade. Para Benjamin, a infância deve estar ancorada no brincar, na autenticidade e simplicidade da brincadeira, no qual tais elementos atingem a criança em sua totalidade.

Porém, “a presença de uma cultura consumista é consistente e passa a produzir ambientes com valores nos quais o ter prevalece sobre o ser e a presença, carinho e atenção familiar se tornaram lacunas preenchidas por presentes, tornando a criança consumidora antes mesmo de ser cidadã.” (ALBERTINI; DOMINGUES, 2016, p.30).

Nessa perspectiva, Oliveira (2011, p. 90) adverte, afirmando que:

A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente, que vai se consolidando em atitudes centradas no consumo. O hábito de ver televisão se encontra incorporado ao cotidiano de crianças, adolescentes e adultos e, para muitos, é uma coisa que vicia.

Na obra *“Dialética do esclarecimento”* Adorno e Horkheimer (1985, p.60) afirmam que até mesmo os indivíduos mais distraídos seriam influenciados pelos produtos da indústria cultural. É nessa mesma obra que os pensadores frankfurtianos utilizam pela primeira vez o termo Indústria Cultural explicitando que a indústria cultural é a conversão da cultura em mercadoria.

A Indústria Cultural é assertiva quando se trata do público infantil, pois utiliza de diversas manobras em diferentes segmentos relacionados à vida da criança, como o campo lúdico, suas formas de percepção do mundo e das relações com o outro, sua autodeterminação, entre outras questões. “Assim, o mercado trabalha para a criança (alvo de seu lucro) e revitaliza a especificidade dela, resgatando e trabalhando o mundo infantil, através do *marketing* ‘criança-brinquedo’, ‘criança-lúdico’, ‘criança-moda’.” (OLIVEIRA; SOUZA; ARAÚJO, 2019, p. 33). A transformação do mundo das coisas necessárias para as coisas supérfluas desencadeou a standardização e a padronização dos gostos, comportamentos, estilos, ideias e, por que não, a padronização dos desejos e escolhas.

Haug (1997, p. 26) menciona que “a produção de mercadorias não tem como objetivo a produção de determinados valores de uso como tais, mas a produção para a venda”, ou seja, “da perspectiva do valor de troca, o processo está concluído e o objetivo é alcançado com o ato da venda”. Ainda, a aparência torna-se importante - sem dúvida importantíssima - na consumação do ato da compra, enquanto ser, ou seja, “a aparência estética, o valor de uso prometido pela mercadoria, surge também como função de venda autônoma no sistema de compra e venda” (HAUG, 1997, p.27).

A indústria cultural, promove a massificação de bens culturais em mercadoria, tornando-os acessíveis a diversas pessoas, inclusive as crianças, proporcionando o desejo de consumo, mais do que isso inculcando e formando uma certa dependência. Para tanto, a indústria cultural, vale-se dos mesmos artifícios da

indústria de bens e serviços, mas ao invés da produção de materiais a mesma produz desejos, sentimentos e um certo fetiche. No que tange a indústria cultural, Freitag (1986, p. 72) esclarece que:

A indústria cultural não é, pois, simplesmente mais um ramo da produção na diversificada produção capitalista, ela foi concebida e reorganizada para preencher funções sociais específicas, antes preenchidas pela cultura burguesa, alienada de sua base material. A nova produção cultural tem a função de ocupar o espaço do lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte, sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive.

As artimanhas sedutoras da Indústria Cultural passam agir sobre os indivíduos, criando dependência, disciplinando-os de forma massificada. Assim, tornando-os reféns da razão instrumental que tem o enfraquecimento da crítica. A razão instrumental ou semiformação por sua vez, é oriunda de um processo de apropriação de um conhecimento danificado que pode ter sido fruto de uma formação superficial ou de uma aligeiramento do acesso às informações que, de certa forma, conduzem para o enfraquecimento dos conceitos científicos, filosóficos e críticos que são condições para o processo de constituição do sujeito autônomo e emancipado.

A partir desses preceitos da sociedade capitalista e da cultura da mercadoria e do consumo, várias instâncias formativas são afetadas, seja na família e, também, na escola. Em relação ao cotidiano das escolas, há a propagação desde a educação infantil de uma forma de pensar e agir das crianças que revelam percepções da vida social e, que são materializados pelas ações competitivas entre crianças, principalmente por meio dos brinquedos tecnológicos e outras influências do mercado, tais como: acessórios escolares, vestimentas, alimentação, brinquedos etc.

Notamos no cotidiano das escolas, diálogos das crianças, transparecendo uma competição de quem possui o melhor material escolar, melhor tênis, melhor bolsa, ou até mesmo, o melhor lanche. Tais comportamentos são

reflexos de uma sociedade voraz ao consumo. De certo modo, “mesmo que a criança fuja dessa lógica do consumo, a própria vivência infantil está inserida nessa lógica.” (OLIVEIRA, 2011, p.92).

Oliveira e Paschoal (2015, p. 5) esclarecem que:

As crianças são submetidas à lógica do consumo com uma experiência cotidiana de agendas lotadas que se tornam norma na classe média e alta e, para cumpri-las, as crianças desenvolvem valores materialistas com recompensas e ou mimos. Muitas vezes, são 'compradas' com o mundo lúdico das bonecas, dos heróis, dos bichos, das máquinas, dos jogos eletrônicos enfim, do brincar industrializado.

É essencial repensar de forma crítica a sociedade em que as crianças estão sendo formadas, uma vez que o desenvolvimento dos pequenos se estabelece em consonância às construções sociais, históricas, culturais e educacionais. A mídia, por exemplo, tem utilizado formas para instigar as crianças ao consumo, seja por meio da aquisição dos brinquedos, aparelhos eletrônicos, celulares, roupas, entre outras. Assim, a indústria cultural se enraíza no cotidiano das crianças, tornando-a um ser genérico e alienado, em outras palavras, meros reprodutores da técnica instrumental, principalmente pela formação da personalidade e dos valores sociais que ainda estão em processo de desenvolvimento, visto que neste tempo da infância às crianças são mais assujeitadas ao processo de imitação e padronização em relação ao outro e às coisas que o outro adquire ou tem.

A mania de imitação fez com que as crianças e adolescentes se acostumassem aos poucos a utilizar as coisas que a princípio lhes eram indesejáveis, ou mesmo insuportáveis, até finalmente não conseguirem mais renunciar a elas e quase sempre lamentarem muito por terem aumentado consideravelmente as necessidades vitais sem motivo (HAUG, 1997, p. 32).

Educar as crianças nesse contexto tem sido um tanto desafiador, uma vez que para Kramer (2000, p. 7) é necessário uma:

perspectiva de humanização, de resgate da experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, nos apropriando das diversas formas de produção da cultura. Precisamos gerar experiências de educação e socialização, com práticas solidárias entre crianças, jovens e adultos, com ações coletivas, elos e laços capazes de gerar o sentido de pertencer.

Diante disso, Silva (2019, p. 19) ratifica que os repúdios da era moderna demonstram “o vínculo entre a modernidade e a barbárie. E, ao falar desse vínculo, a maneira mais radical de perguntar-se sobre ele é enfrentar-se com a forma mais brutal que aconteceu em seu seio”. Esse entendimento na perspectiva de Silva (2019) requer apreender a condição da própria cultura e seus desdobramentos formativos na vida adulta e infantil, no caso. Por isso, é necessário

compreender, também, a complicada relação que se estabelece entre educação, produção material da vida e barbárie. Pelas lentes adornianas o desafio consiste na apreensão dos mecanismos de dominação e a partir daí, conduzir o pensamento e o agir para a autorreflexão crítica do conhecimento.

2.1.1 Tecnificação da Infância e a banalização da vida

A partir das relações tecnificadas estabelecidas neste tempo social contemporâneo é possível recorrer às contribuições de Marcuse, explicitamente em seu artigo publicado em 1941, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” que trata do papel da tecnologia nas sociedades industriais modernas e antecipa o declínio histórico da racionalidade crítica pelo processo de submissão do indivíduo à dominação e administração da “mecânica do conformismo” que se espalhou pela sociedade (KELLNER, 1999, p. 26).

Essa relação com a técnica diz respeito à consciência coisificada, onde Adorno (1995, p. 132) afirma que “um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica”. Acrescenta:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios - e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana - são fetichizados, porque os fins - uma vida humana digna - encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas (ADORNO, 1995, p.133).

Diante deste movimento ácido gerado pelas novas tecnologias sobre a vida dos indivíduos e, conseqüentemente, das crianças, ressaltamos que a cada dia que passa nos deparamos com uma infância fragilizada, vulnerável e suscetível

aos diversos tipos de barbárie. Nesse prisma, ao tomarmos por exemplo o contexto social pandêmico que vivenciamos, é nítido que a pandemia do novo coronavírus têm evidenciado a desigualdade em seus diversos ângulos de forma perniciosa, o Brasil ultrapassa 627 mil mortes³, além do vírus, os brasileiros sofrem por ações de um governo desordenado e com ações antidemocráticas, corroborando para a banalização da vida humana.

No âmbito educacional muitas mudanças ocorreram a partir dos decretos estaduais e pelas recomendações da OMS, nesse sentido, as aulas presenciais foram substituídas pelo modelo de aula remota. No que se refere ao novo modelo de aula remota, um leque de situações foram suscitadas nesse cenário pandêmico, algumas questões como: a falta de recursos tecnológicos das escolas públicas, a ausência de formação docente quanto ao uso das TIC's, a de aparelhos para uso dos alunos, a demanda exaustiva de aulas, o acúmulo de tempo frente às telas, entre outras.

Por conseguinte, as desigualdades já enfrentadas na educação, tornaram-se ainda mais acentuadas, com as portas das escolas fechadas alunos e professores precisaram se adequar ao novo modelo de aula, além disso:

O fechamento das escolas afetou também a saúde mental e física das crianças, dos jovens e dos adultos do mundo todo, com consequências negativas para o seu saudável desenvolvimento. Comprovou, também, que as crianças, principalmente, dependem do apoio e da mediação de terceiros para efetivarem significativamente suas aprendizagens e para, autonomamente, a partir das diferentes fontes de informação, extraírem conhecimentos, analisá-los, processá-los e aplicá-los em suas experiências e práticas cotidianas. (ORTEGA; ROCHA, 2020, p.305).

Enquanto professora da educação básica no ensino público e privado, esse novo modelo de aula trouxe-me muitas inquietações. Ao deparar com as crianças de escola particular do outro lado da tela, percebemos o quão eram privilegiados em acompanhar as aulas pelo *notebook*, *tablet*, ou até mesmo em um ambiente confortável. Até porque sabemos que a realidade de milhares de crianças é totalmente o contrário. Muitas crianças durante a pandemia não apresentaram condições mínimas para acompanhar as aulas remotas, além daquelas que não dispõem das ferramentas básicas para acompanhamento das aulas, como é o caso do acesso à internet. Além das dificuldades técnicas, foi perceptível também as

³ Até a data da defesa o número de mortes pela covid-19 estará sujeito a alterações.

dificuldades psicológicas, a ansiedade, o choro, a irritabilidade, a agitação, e dificuldades de controle emocional. Durante o confinamento as crianças precisaram lidar com um misto de emoções.

Enquanto professora, muitas vezes foi preciso deixar o conteúdo de lado, para conversar com as crianças, para motivá-las, e até mesmo para explicar sobre esse novo vírus que circulava no mundo e o motivo de continuarmos confinados. Durante as aulas remotas, as crianças constantemente manifestavam suas dificuldades e cansaço. Além disso, expunham os diversos conflitos que vivenciavam em casa, por exemplo, divórcio dos pais, ausência dos pais, a falta da interação dos colegas, perda de familiares que não resistiram ao coronavírus. Tais eventos, culminaram em relatos das próprias crianças compartilhando que iniciaram acompanhamento com profissionais da psicologia.

Com base em tais experiências, foi praticamente impossível não refletir sobre o quanto as aulas remotas estavam impactando as crianças, e que de certa forma esse novo modelo de aula estava sendo tão cruel e bárbaro num período tomado pelo medo do desconhecido. A UNICEF⁴ preocupada com a situação das crianças durante o contexto da pandemia, junto a outros órgãos competentes elaborou um apelo à sociedade em relação aos cuidados das crianças, pois durante o isolamento social as crianças se encontravam mais suscetíveis e vulneráveis aos diversos tipos de agressões, muitas vezes, praticadas pelos próprios familiares.

Nessa lógica, a Organização das Nações Unidas⁵ (ONU) emitiu um alerta de que durante a pandemia milhões de crianças estariam sendo expostas ao trabalho infantil, pois com suas rendas familiares comprometidas devido à crise econômica, seria necessário que as crianças ajudassem na complementação orçamentaria. Como se não bastasse, durante o debate de 30 anos do Estatuto da criança e do adolescente (ECA) realizado em 2020, durante o cenário pandêmico, uma das conclusões do debate foram que durante a pandemia o aumento da vulnerabilidade infantil aumentou. Assim, seria urgentemente medidas protetivas mais eficazes e um olhar mais atento às crianças.

Para ilustrar tais assertivas, tomamos por exemplo, o caso de um

⁴<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/eh-urgente-proteger-criancas-e-adolescentes-contra-violencia-durante-o-isolamento-social>.

⁵

[?]<https://oglobo.globo.com/economia/onu-milhoes-de-criancas-podem-ser-expostas-ao-trabalho-infantil-com-avanco-da-pandemia-1-24476557>.

menino de 11 anos que foi encontrado acorrentado dentro de um barril no estado de SP. A criança foi encontrada nua, acorrentada nos pés e nas mãos, dentro de um barril na parte externa da casa onde vivia com seus familiares. A criança se queixava de fome, e que tinha sido presa porque pegou comida da casa sem pedir. A criança foi encontrada com indícios de desnutrição, com marcas e alegando que muitas vezes comeu as próprias fezes para se alimentar.

A pandemia do novo coronavírus é apenas um exemplo atual de como a infância tem sido negligenciada, contudo, é sabido que existem outros milhares de exemplos relacionados à negligência com a vida das crianças. E cada dia que passa a criança tem sua infância banalizada, pois há uma predominância do entendimento que a criança não é percebida como um cidadão de direito na sociedade. Sob essa reflexão, Sonia Kramer (2000, p. 6) afirma que:

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em deixar de ser criança). Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância. Pode nos ajudar a aprender com ela.

No excerto acima Kramer (2000) defende a concepção da criança enquanto sujeito de direito, no qual, partilhamos da mesma crença. Todavia, na condição que a sociedade vive atualmente, ancorada pela desigualdade e injustiças a criança tem tido seus direitos constantemente desprotegidos. Diante disso, abre-se espaço para o seguinte questionamento, que tipo de experiência humana estamos proporcionando às crianças.

Nota-se que tem sido oferecido à criança uma realidade de mundo baseada na intolerância, na agressividade, nos discursos de ódio, na violência. Ou seja:

As crianças são educadas com imagens da guerra na Europa, na África e do extermínio progressivo de populações pobres da América Latina, com imagens de crianças matando colegas de escola,

neonazistas vitimando gays, negros, judeus. E embora se tenha tentado emudecer crianças, jovens ou adultos, numa história de escravidão passada e presente; embora tantos tenham aprendido a aceitar a desigualdade e a miséria, os discursos oficiais têm a hipocrisia de sugerir que a mudança geraria o caos, quando o caos está já instalado. As crianças, com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo e reinventar a esperança, aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão. (KRAMER, 2000, p.6)

Diante disso, faz-se urgente pensarmos na educação das crianças, principalmente para a ruptura dessa construção social. A criança na qualidade de sujeito histórico e social precisa da garantia de seus direitos enquanto cidadã, deste modo, exercendo pleno gozo de seus direitos.

3 ANOTHER BRICK IN THE WALL: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo objetivamos analisar os conceitos sobre infância, educação e formação por meio da confluência com o videoclipe, bem como pensar o papel docente na educação de crianças. Para tanto, realizaremos possíveis confluências com o videoclipe da música *Another Brick in the Wall* da banda Pink Floyd. A canção lançada em 1979, possibilita-nos uma reflexão sobre as críticas que o conteúdo musical descreve, abarcando questões sociais, formativas, educacionais e de autoritarismo presente da época. A música *Another Brick in the Wall* faz parte de um conjunto de músicas do disco *The Wall*, no qual, faz duras críticas ao sistema autoritário e pela repressão da liberdade de pensamento.

As críticas revelam um contexto marcado pela barbárie refletida na canção e, que de certa forma, associa-se à pressão social que se impõe nos indivíduos. Isso nos faz retomar o acontecimento na Alemanha nos campos de concentração denominado de Auschwitz que revelou a verdadeira barbárie na civilização da época. Sobre isso, Adorno (1995, p. 119) apresenta a exigência de que Auschwitz não se repita e, acrescenta: “ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação”, uma vez que Auschwitz “foi a regressão e, a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que tem de fundamental as condições que geram esta regressão”.

3.1 ANOTHER BRICK IN THE WALL: A ESCOLHA E SEU CONTEXTO

Todas as vezes ao ouvir a canção *Another Brick in The Wall* uma grande inquietação era gerada, principalmente pelo teor da música e por evidenciar

um contexto educacional pautado na severidade. Mais do que isso, ao aprofundar no contexto da canção foi perceptível compreender que tal narrativa se tratava de uma história de vida, ou seja, a barbárie ilustrada em diversas etapas da vida de uma criança. Another Brick in The Wall é uma canção muito utilizada no curso de pedagogia, principalmente para ilustrar as características da pedagogia tradicional, todavia, ao examinar detalhadamente o teor da canção podemos perceber que ela vai muito além disso.

Na obra Teoria Estética, Adorno (2011) expressa que a arte se torna humana quando denuncia algo. Em Another Brick in The Wall podemos perceber que a canção tem feito uma sequência de denúncias no que concerne ao sistema autoritário da época.

Ao tomar conhecimento da Teoria Crítica a canção passou a fazer mais sentido, pois foi possível atingir uma compreensão fundamentada. Contudo, do modo que há uma certa apreciação pela canção, há também uma discordância com o compositor ao profanar “não precisamos de nenhuma educação”. Uma vez que, a educação é a chave para que Auschwitz não se repita.

No clipe musical a ser analisado, vemos que o cantor Roger Waters é conhecido mundialmente por sua oposição contra as barbáries cometidas pelas guerras e por sua luta pelos direitos humanos. Visto que o próprio compositor teve sua vida e infância marcada por consequências de atos de violência, acometidos pela barbárie e arbitrariedade dos regimes autoritaristas. Waters perdeu seu avô durante a primeira Guerra Mundial e o pai na Segunda Guerra.

A primeira guerra mundial foi um dos conflitos mais cruéis da história, envolvendo direta e indiretamente quase todos os países do globo terrestre. A primeira guerra teve seu início em 1914 e durou até 1918. Conhecida como a grande guerra, os dois grupos que encabeçaram a primeira guerra foram: a tríplice *Aliança* e tríplice *Entente*. Os confrontos aconteceram em sua maior parte no continente europeu e, as causas da primeira guerra mundial foram baseadas por disputas políticas, territoriais e pelas alianças militares.

Segundo Araripe (2011, p. 319) “à *belle époque*, nome dado aos primeiros anos do século XX, que teriam sido felizes e despreocupados”, de maneira brutal, foi a primeira guerra que causou um número de mortos e feridos de modo avassalador, além de abalar a economia e a estrutura social dos países envolvidos. “Todavia, um novo mundo surgiu em 1918, quando foi assinada a paz, e foi nesse mundo novo, ainda mais cheio de problemas oriundos do velho que germinou a Segunda Guerra Mundial” (BERTONHA, 2001, p.9).

Adiante, o período de 1939 até 1945 é marcado pela Segunda Guerra Mundial, através do uso de bombas nucleares e o holocausto, culminando na morte de aproximadamente 60 milhões de pessoas. O ponto de partida para início da guerra foi a invasão da Polônia pelos alemães, além das divergências ideológicas entre os grupos fascistas e democráticos⁶.

De certo modo, Waters também foi uma vítima indireta das guerras, na perda do pai e do avô, por isso, durante suas apresentações artísticas (figura 1) o cantor utiliza a palavra resistência para impulsionar o público contra o poder opressor do sistema, além de suas canções proporcionarem diversas reflexões nesse campo, por exemplo, a canção aqui discutida⁷. É possível associar a tentativa do cantor com o manuscrito de Adorno *Educação após Auschwitz*, no qual esclarece que é preciso conscientizar a sociedade à não cair novamente na regressão de toda barbárie que Auschwitz foi na história. (ADORNO,1995).

Figura 1: Show em Curitiba, ano 2018

⁶ Bertonha (2001, p. 54) salienta que “o custo da Segunda Guerra Mundial foi inacreditável, mais de 72 países envolvidos, 110 milhões de soldados convocados e gasto de 1,5 trilhão de dólares”.

⁷ Durante uma turnê em 2018 pelo Brasil, o cantor e compositor manifestou diversas críticas contra o sistema político e ao neofascismo, Roger projetou no telão nomes de políticos, incluindo o atual presidente da república.



Fonte: Acervo da autora

Roger Waters é conhecido por suas apresentações evidenciarem o impacto da barbárie na sociedade. No seu filme *The Wall* o cantor e compositor utiliza uma espécie de cinematografia com cenas de bombardeio, soldados, realizando um tipo de resgate de sua história de vida e todo custo e impacto da guerra. No final de seu filme, o que na verdade é uma espécie de concerto Roger presta homenagens as vítimas das mais cruéis espécies de barbáries, inclusive o cantor presta homenagens ao brasileiro Jean Charles de Menezes, morto em 2005 após ser confundido com um terrorista pela polícia de Londres. Sobre tal situação, Adorno (1995, p.158) revela que:

A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente e a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua

própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas.

A tradução de *Another Brick In The Wall* significa “Mais um tijolo na parede/ou muro”, deste modo, representando que muitas vezes nossos sentimentos e história de vida são apenas tijolos na parede, sem grande importância. Ou seja, descartando a própria essência humana, assim, “enxergando” o ser humano como um ser descartável. Sobre essa anulação do indivíduo, é possível correlacionar com o conceito de *consciência coisificada*, no qual Adorno (1995, p. 70) esclarece que “uma das características da consciência coisificada é manter-se restrita a si mesma, junto a sua própria fraqueza, procurando justificar-se a qualquer custo.” A consciência coisificada remete à relação humana em “coisa”, tornando-o os indivíduos desprovidas de sentimentos e afeto, ou seja, acometidos por uma frieza e um esvaziamento do espírito.

Sobre isso, Zanolla (2010, p. 122), nos contempla afirmando que:

A incapacidade de amar e ser generoso, diante da dominação e da ideologia, é a principal condição psicológica para que a violência e a barbárie se perpetuem. Assim, todas as pessoas hoje, sem qualquer exceção, sentem-se mal amadas, porque não são capazes de amar suficientemente. Mas a pior violência é o silêncio em face do terror da barbárie.

Em uma entrevista para a Folha de São Paulo⁸, Waters afirma que o álbum *The Wall* não foi algo inventado, mas que o conjunto de músicas dessa obra eram representações de sua vida, o baixista, declarou que “*The Wall* é a minha vida”. Roger Waters foi criado pela mãe, pois ainda enquanto bebê, perdeu seu pai. Eric Fletcher morreu em 1944 na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Another Brick In The Wall é dividida em três partes, sendo elas todas compostas pelo baixista Roger Waters, cada parte da canção recebe um título,

8

? <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1642078-the-wall-e-minha-vida-diz-roger-waters-leiaentrevista-com-o-ex-pink-floyd.shtml>

sendo que a primeira parte é nomeada como “memórias”, a segunda “educação” e a última “drogas”. O interessante dessa canção é que ela retrata a vida do personagem Pink, todavia, a trajetória do personagem no decorrer da canção é baseada na vida do próprio compositor como já mencionado.

Em sua **primeira parte**, a canção retrata as memórias do personagem Pink enquanto criança, a questão central discutida nessa parte é a morte precoce de seu pai, que serviu o exército e acabou morrendo durante a guerra, conforme já mencionado. A **segunda parte**⁹ da canção, concentra-se na crítica contra o autoritarismo do sistema educacional, ou seja, a escola que o personagem Pink frequentava. Caminhando para a **terceira parte**, observamos o personagem Pink já em sua versão adulta, deitado em sua cama em meio a tantos traumas e conflitos que vivenciou. A perda do pai enquanto criança, os abusos e agressões por parte do sistema autoritário, vítima da barbárie produzida na escola.

3.2 “*TODOS SÃO TIJOLOS NO MURO*”: INFÂNCIA, TEMPO E EXPERIÊNCIA

O jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe for a conquista de coisas grandiosas, tanto mais encontrará o espírito por toda parte em sua caminhada e em todos os homens (BENJAMIN, 2009, p. 24-25).

A formação humana está inteiramente ligada com as experiências que lhe são proporcionadas. Essas experiências dão sentido a vida, ou seja, fazem parte da construção e desenvolvimento do sujeito, atrelando-se as emoções, sentimentos e relações, sejam elas agradáveis ou não. “Na experiência, o que é vivido é pensado, narrado: a ação é contada a outro, partilhada, tornando-se infinita; portanto, esse seu caráter histórico, de ir além do tempo vivido, de ser coletiva constitui a experiência” (SILVA, 2007, p. 62).

Em tempos de sociedade danificada as experiências que deveriam ser ricas e florescentes, acabam tornando-se meras vivências, ou seja, oriundas do próprio desenvolvimento técnico. Na obra “*Experiência e pobreza*”, Walter Benjamin alerta para uma pobreza das experiências, um sentido vazio, ou melhor, o próprio conformismo, a banalização da vida, os ditames do capital, assim, o indivíduo entra

⁹ A parte dois de Another Brick In The Wall é a mais conhecida mundialmente, em 1980 a canção chegou a ser proibida na África do Sul, por servir como hino para as crianças negras protestarem contra o racismo e a educação que estavam recebendo em comparação às crianças brancas.

no modo automática de vida, deixando de perceber o mundo ao seu redor. Deste modo, “essa pobreza de experiência não se manifesta apenas no plano privado, mas no de toda a humanidade. Transforma-se, assim, numa espécie de nova barbárie” (BENJAMIN, 2012, p.86).

Nesse sentido, é fundamental pensarmos nas experiências que estão sendo proporcionadas à infância e como estão sendo possibilitadas às crianças. Benjamin (2009) esclarece que a experiência pode ser um tanto hostil ao espírito, sendo capaz de aniquilar muitos sonhos. A experiência na infância é algo de extrema importância, considerando que “ a imaginação da criança trabalha subvertendo a ordem estabelecida, pois impulsionada pelo desejo e pela paixão, ela está sempre pronta para mostrar uma outra possibilidade de apreensão das coisas do mundo e da vida. ” (SILVA, 2007, p. 98).

Pensando no significado das experiências e sua importância na condição humana, tomamos como ponto de partida a primeira parte da canção *Another Brick In The Wall*, cujo enredo “memórias” trata da experiência do personagem Pink enquanto criança. Assim, a primeira parte da canção diz:

ANOTHER BRICK IN THE WALL (PARTE 1)

*O papai voou pelo oceano
Deixando apenas uma memória
Foto instantânea no álbum de família
Papai, o que mais você deixou para mim?
Papai, o que você deixou para mim?
Tudo era apenas um tijolo no muro
Tudo era apenas um tijolo no muro*

Pink enquanto criança manifesta suas inquietações sobre a morte do pai, demonstrando seu aborrecimento, e muitas vezes questionando por ter recebido tão pouco do pai. A narrativa do personagem mostra seu descontentamento por ter apenas um retrato da família e questionando se era apenas isso que o pai tinha para deixar. Em outras palavras, Pink protesta pela falta de experiência e pela ausência de uma memória afetiva junto ao pai.

Durante o videoclipe, uma das cenas mostram o personagem em um parquinho observando as outras crianças brincando com seus pais, Pink é deixado pela mãe no parquinho, sozinho ele observa atentamente tudo que está ao seu redor, ao ver um senhor com seu filho em um brinquedo ele pede para que o deixem

brincar junto, após a brincadeira o pai junto ao filho deixam o parquinho de mãos dadas, Pink observa a cena e corre para pegar na mão do homem, que imediatamente manifesta sua reação de desaprovação (figura 2).

Figura 2: Cena parquinho



Fonte: adaptado do Youtube

A partir disso, Pink deixa subentendido que tudo que lhe ocorreu não passou de mais um tijolo no muro. Nota-se, banalização da vida da criança, e o quanto a barbárie refletiu na vida de Pink e em suas experiências durante a infância. Assim, a primeira parte da música desvela a narrativa de uma criança que muito cedo foi acometida pela ausência do pai, e ocupada pelo próprio sentimento de abandono, contribuindo precocemente para o esvaziamento de seu espírito humano.

Sobre isso, Bueno (2021, p.226) argumenta que:

A consciência do abandono dos homens aos sofrimentos inenarráveis da barbárie fascista, requer considerar que, mesmo ao atingir níveis insuportáveis de coisificação e sofrimento, o mal não deixa de representar um momento no desenvolvimento da consciência infeliz.

Sendo assim, as “crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. ” (ADORNO, 1995, p. 134). Há, ainda, possíveis confluências com os fundamentos adornianos, que a educação precisa levar a sério que “o medo não deve ser reprimido”.

Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade existe, então justamente por essa vida desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido (ADORNO, 1995, p.129).

No que remete a segunda parte da canção, há uma crítica contra o autoritarismo do sistema educacional, ou seja, a escola que o personagem Pink frequentava. A parte dois de *Another Brick In The Wall* é a mais conhecida mundialmente, em 1980 a canção chegou a ser proibida na África do Sul, por servir como hino para as crianças negras protestarem contra o racismo e a educação que estavam recebendo em comparação as crianças brancas.

Nesse segundo momento o personagem Pink, encontra-se maior, porém, apontando suas novas inquietações, deste modo, a segunda parte trata:

ANOTHER BRICK IN THE WALL (PARTE 2)

*Quando crescemos e fomos à escola
Havia certos professores que
Machucariam as crianças da forma que eles pudessem
(oof!)
Despejando escárnio
Sobre tudo o que fazíamos*

E os expondo todas as nossas fraquezas

Pink manifesta de forma imaginária uma insatisfação contra a barbárie que vivencia na escola, as agressões dos professores, as situações de constrangimento que os professores expunham os alunos e o modo como zombavam de suas fraquezas, além da massificação dos alunos, contra o controle de pensamento e o humor negro que era implantado na escola, conforme vemos na figura 3.

Figura 3: Professor utilizando violência física



Fonte: adaptado do Youtube

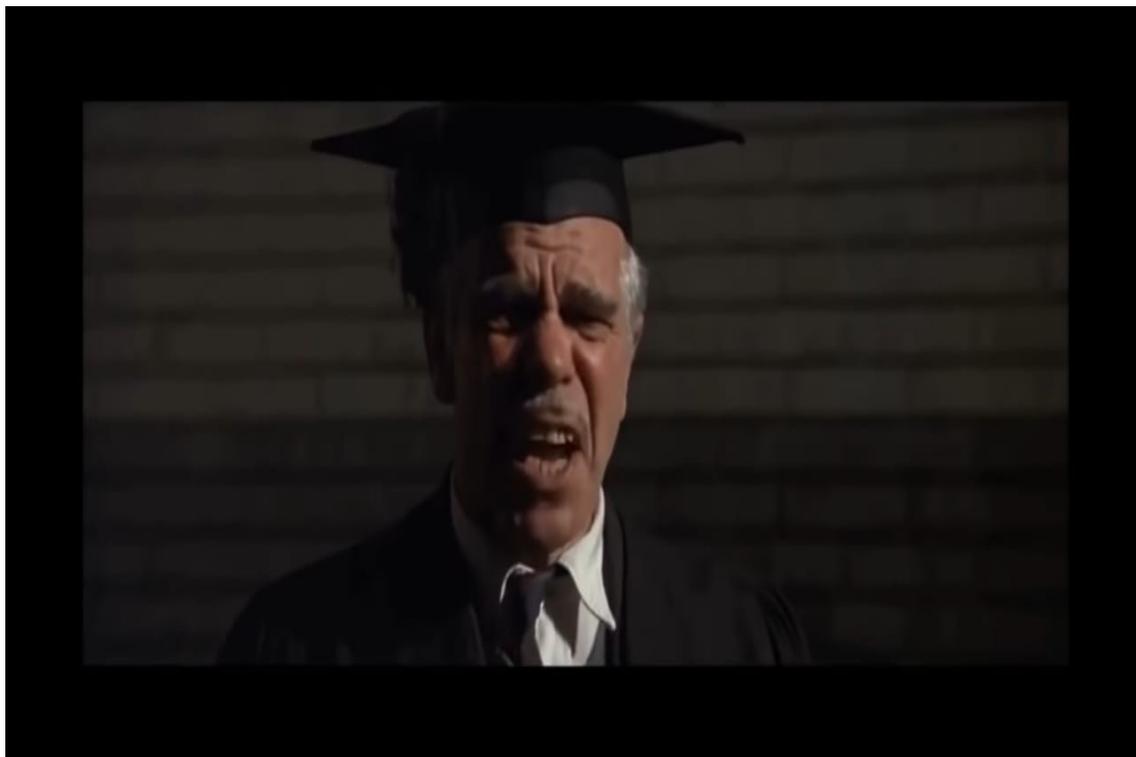
No que concerne ao autoritarismo educacional, Adorno (1995, p. 127) nos auxilia a refletir que:

Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, e totalmente equivocada. A ideia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que —

como mostrou a psicologia — se identifica com muita facilidade ao sadismo. O elogiado objetivo de "ser duro" de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir.

Fica evidente a personalidade autoritária do professor, nota-se a relação tensa entre professor e aluno. Lamentavelmente, as relações conflituosas entre professor e aluno, muitas vezes são provenientes de uma relação arbitrária, da severidade educacional e pautada na ideia da formação humana com base na disciplina e repressão.

Figura 4: Professor autoritário



Fonte: adaptado do Youtube

Sobre a conduta do professor autoritário, Adorno (1985, p. 112) corrobora afirmando que:

[...] o próprio ofício do professor permaneceu arcaicamente muito aquém da civilização que ele representa; talvez as máquinas educativas o dispensem de uma demanda humana que se encontra impedido de realizar. Um tal arcaísmo correspondente a profissão do professor como tal não apenas promove os símbolos arcaicos dos professores, mas também desperta os arcaísmos no próprio comportamento destes, quando ralham, repreendem, discutem etc.; atitudes tanto próximas da violência física quanto reveladoras de momentos de fraqueza e insegurança.

Posto isso, é necessário ter cautela ao confundir ser autoridade com autoritarismo. Cabe ao professor, construir uma relação pautada na humanização, não reprimindo e suscitando o medo nos alunos. Partilhamos do entendimento de uma relação afetiva que possa estimular e conduzir à emancipação.

3.3 “HEI PROFESSORES! DEIXEM, NÓS, CRIANÇAS EM PAZ”: A BARBÁRIE REFLETIDA NO PROCESSO FORMATIVO

No que concerne ao trabalho educativo, a criança precisa ser conduzida ao conhecimento “desde a infância a criança precisa ser instigada ao conhecimento e à busca crítica do pensar pelo processo do ensino e aprendizagem. Os professores envolvidos devem se assumir a responsabilidade de educar e de instigar o conhecimento emancipado. ” (OLIVEIRA, 2019, p. 468). Adorno (1995) defende que para a formação dos sujeitos contra a reprodução da barbárie está intrinsicamente ligada a uma educação que promova a reflexão. Assim, o único poder efetivo contra a repetição de Auschwitz é a conquista de uma educação autorreflexiva.

Muitas vezes, nos deparamos com práticas educativas que estimulam a reprodução da barbárie, nesse sentido toda e “[...] qualquer prática educativa necessita fundar-se na ética. O foco é a formação do sujeito ético, no atual momento histórico. A finalidade é habilitá-lo a circular e atuar “no conjunto da vida social de forma independente e participativa”, como sujeito social autônomo. ” (AGOSTINI, 2017, p. 135). A exigência da educação se reduz apenas em preparar as novas gerações para o mercado formal de trabalho. ” (SILVA, 2019, p. 97).

Ainda, refletindo sobre a segunda parte da canção, o compositor evidencia que os professores sofrem opressões em seus lares, e por isso conseqüentemente tornam-se opressores no ambiente escolar.

*Mesmo que escondidas pelas crianças
Mas na cidade era bem sabido
Que quando eles chegavam em casa
Suas esposas, gordas psicopatas, batiam neles
Quase até a morte*

Em uma das cenas do videoclipe (figura 5), mostra o professor jantando com sua esposa, durante o jantar ele retira do prato uma parte do alimento, de forma arbitrária sua esposa o reprime, fazendo-o comer obrigatoriamente sem ter vontade.

Figura 5: Professor oprimido



Fonte: adaptado do Youtube

Nesse sentindo, percebemos que tal professor era oprimido em seu lar, assim ao chegar em sala de aula ele tornava-se opressor sobre seus alunos. Sobre isso, Adorno (1985, p. 128) novamente esclarece que:

Quem e severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto e necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suporta-la, como acontecia antigamente.

A partir do contexto de toda opressão e violência vivenciado na escola, tomamos como reflexão o refrão da canção. No videoclipe, os alunos protestam de forma intensa alegando que não precisam de nenhum tipo de educação, a canção diz:

*Não precisamos de nenhuma educação
Não precisamos de controle mental
Chega de humor negro na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz!*

*Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos na parede
"Errado, faça de novo! "*

No videoclipe é utilizado a simbologia de um moedor de carne, ali os alunos entram e saem todos iguais. Utiliza-se também a representação de uma esteira de produção, mostrando que todos os alunos devem ser moldados pelo domínio da técnica (figura 6).

Figura 6: Massificação dos alunos



Fonte: adaptado do Youtube

No olhar de Pink, tais situações reforçam que mais uma vez ele e as demais crianças são considerados apenas um tijolo no muro. Percebe-se a educação pautada apenas pela razão técnica tornando-os sujeitos experimentais, assim, desconsiderando totalmente uma formação voltada para a reflexão e autonomia. Sobre isso, Silva (2019, p.76) revela que “constantemente as formas de educação estão voltadas única e exclusivamente para os domínios técnicos da vida. Agir de forma heterônoma, curvando-se diante de normas e compromissos de obediência “cega” à autoridade gera condições favoráveis à barbárie.”

Percebemos, também, a conduta do professor autoritário, no que se refere ao trecho abaixo:

*"Se não comer sua carne, você não ganha pudim
Como você pode ganhar pudim se não comer sua carne? "*

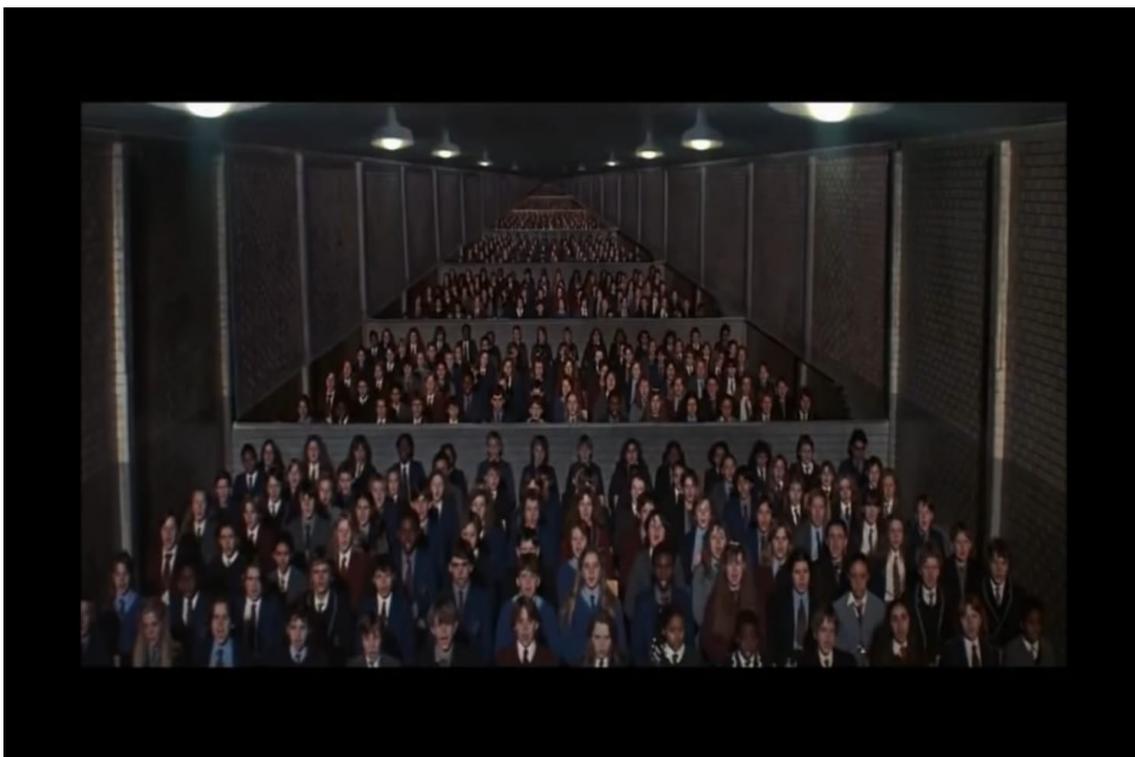
Refletindo nesse trecho e trazendo para os dias atuais, quantas vezes ouvimos por parte dos professores frases similares, “se você não sentar, não

vai para o parque” ou *“se você não realizar sua atividade, você não vai brincar”*. Desse modo, observamos que todo o tempo as crianças são expostas a certa submissão, em uma relação professor-aluno pautada pela ameaça. Ou seja, o professor agindo de modo manipulativo sobre a criança, utilizando da chantagem apelativa. Sob essa ótica, Oliveira (2019, p.467) comunga afirmando que:

Podemos, assim, dizer que os fatos recentes na educação de crianças traduzem efetivamente o divórcio entre o conhecimento técnico e o conhecimento emancipador. Há nesse processo, um endeusamento pelos modelos, pelas técnicas, pelas atividades em si; sem se prender à busca pelo conhecimento dos conceitos e pela razão crítica. Há, ainda, os que são iludidos pelas falácias de suposta autoridade que na prática traduzem efetivamente a superioridade do adulto sobre a criança com ações inibidoras, de humilhação e autoritarismo.

Permanecendo ainda na segunda parte do videoclipe, há um apelo das crianças para que os professores os deixem em paz, demonstrando que não necessitam daquele modelo de educação e tampouco do controle do pensamento (figura 7). Em uma das cenas, mostra-se o professor zombando de Pink pela escrita de seus poemas, o professor o chama de “mocinha”, nesse sentido fica evidente o preconceito do professor associando poesia com o gênero feminino.

Figura 7 : Clamor dos alunos



Fonte: Youtube

Pink (figura 8) estende sua imaginação para uma forma de se livrar de toda opressão causada pelo autoritarismo do professor, a cena retrata os alunos destruindo a escola, queimando livros, quebrando as paredes, as janelas e os muros. Diante disso, fica evidente que “a educação pautada pela severidade, pela disciplina, é condição propícia para novas manifestações da barbárie.” (SILVA; 2019, p. 77). Destarte, Adorno afirma que por esta razão ele reordena todos os objetivos educacionais. E que diante disso, a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade.” (ADORNO, 1995, p. 155).

Figura 8: Manifestação dos alunos



Fonte: adaptado do Youtube

Caminhando para a terceira e última parte do clipe musical, podemos observar o personagem Pink já em sua versão adulta, deitado em sua cama em meio a tantos traumas e conflitos que vivenciou. A perda do pai enquanto criança, os abusos e agressões por parte do sistema autoritário, vítima da barbárie reproduzida na escola. Nota-se, uma espécie de lembrança de tudo que passou. A última parte da canção, especificamente diz:

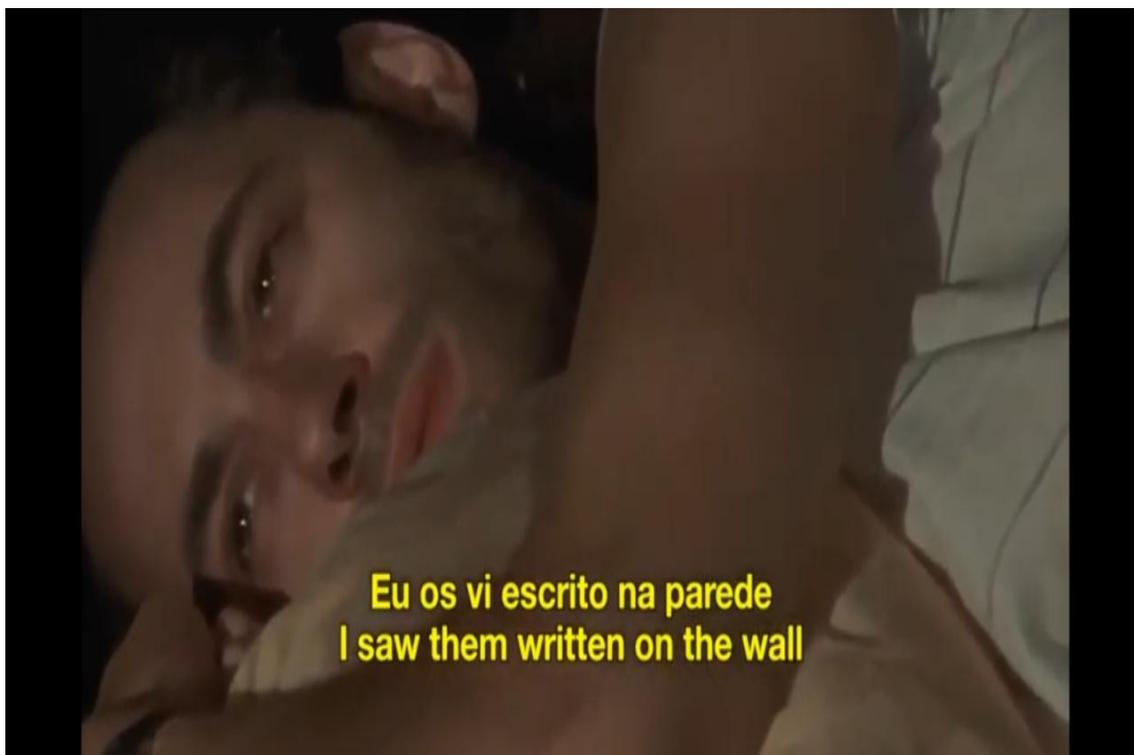
ANOTHER BRICK IN THE WALL (PARTE 3)

*Eu não preciso de braços ao meu redor
E eu não preciso de drogas para me acalmar
Eu vi os escritos no muro
Não pense que preciso de algo, absolutamente*

*Não! Não pense que eu preciso de alguma coisa afinal
Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos na parede*

Por fim, nessa última cena, a letra da canção diz que Pink não precisa de ninguém, de nenhum braço ao seu redor, nenhuma droga para se acalmar, porque no fim tudo e todos não passavam de tijolos no muro.

Figura 9 : Pink adulto



Fonte: adaptado do Youtube

Durante essa cena, Pink passa por um momento de rememoração de sua infância, principalmente de tudo que vivenciou. De certo modo, com um certo discurso de conformismo, ou seja, é notório o sentimento de impotência e incapacidade de reagir diante tantos atos de barbárie. Desse modo, revelando seu desencantamento em relação ao mundo, principalmente, por todas as vezes que se sentiu reprimido em meio as circunstâncias vividas. Assim, “se o mundo humano é organizado de determinada maneira, que o sentimento de dor seja reprimido, é preciso decifrar as condições e os condicionantes que causam seu modo determinado de ser.” (SILVA, 2019. p. 59).

A terceira e última parte do videoclipe nos faz conciliar de forma abundante com os escritos de Walter Benjamin sobre experiência, ao afirmar que a experiência pode ser dolorosa para a pessoa que aspira por ela. À vista disso, é fundamental pensarmos na educação como fator potencial para emancipação e maioria, assim, resistindo as dominações da ordem social.

4. NÓS NÃO PRECISAMOS DO CONTROLE DO PENSAMENTO: O

CLAMOR DA INFÂNCIA CONTRA A BARBÁRIE DA EDUCAÇÃO

Pensar numa educação voltada para emancipação, para o esclarecimento e que tenha como objetivo que Auschwitz não se repita é necessário que ela seja voltada para a autorreflexão. Deste modo, é essencial repensarmos o trabalho docente nos espaços formativos.

A conjuntura da educação brasileira tem se revelado muitas vezes para a instrumentalização da técnica, ou seja, especificamente para o mercado de trabalho. Assim, o viés humanizador muitas vezes tem ficado em segundo plano. Para tanto, os professores precisam direcionar suas ações pedagógicas para condução da emancipação. Sobre tal, Oliveira e Saito (2018) esclarecem que:

O pensamento pedagógico é esvaziado, ao invés de ressignificado pela reflexão e crítica. As experiências formativas dão lugar ao silêncio e emudecimento humanos, prevalecendo, desse modo, a lógica do pensamento instrumental e repetitivo, com características de padronização e diminuição da razão à sua dimensão instrumental e utilitarista, em que adultos e crianças vão conduzindo seu 'tempo-rotina' sem ao menos refletir sobre o processo e elaborar novos olhares para o trabalho educativo. Nesse cenário, esse processo temporal da rotina pode ser traduzido com a prática de apostilamento pedagógico, por exemplo, que molda professores e crianças a um tipo de adestramento intelectual, sem que haja a possibilidade das experiências do pensar e da produção de uma consciência autônoma.

Ao atentarmos na letra da canção aqui discutida, nos deparamos com o seguinte trecho “não precisamos de nenhuma educação” e “não precisamos de controle mental”, esse trecho soa como um clamor das crianças em forma de protesto sobre a educação recebida. Educação que foi pautada na severidade e hostilidade, reflexo de uma sociedade danificada. Sobre esse contexto Januário (2020, p.113), elucida que:

É importante notar também que no interior da sociedade que produz o caráter autoritário é definido, em decorrência de sua estrutura, um tipo de educação “pela disciplina” e pela “dor”. Essa forma de educação tem como meta preparar o indivíduo para que resista à dor até seu limite. Para Adorno, esse tipo de educação sempre encobriu um “masoquismo” que, como se sabe, acaba por se fundir “tão facilmente” ao sadismo”. Esse tipo de educação possui um mecanismo fundamental que interfere na formação do caráter

individual: “Aquele que é duro consigo mesmo se arroga o direito de ser duro também com os demais, vinga-se neles a dor que não pode manifestar, a dor que teve que reprimir”.

Partilhamos da crença, que esse modelo de educação de fato não deve ser praticado, contudo, a única forma de evitarmos a barbárie é por meio da própria educação com ações voltadas para reflexão, senso crítico, autonomia. “ A educação crítica, emancipatória, contribui não somente para o desvelamento das contradições sociais e para a necessidade de sua superação, mas também pode proporcionar a formação do homem, orientando-o para ações e estratégias emancipatórias. ” (ROCHA, 2010, p.3).

Todavia, ao refletirmos em nosso contexto educacional atual, percebemos que as políticas públicas estão cada vez mais escassas, são incontáveis os cortes orçamentários direcionados para à educação, assim fragilizando todo o sistema escolar. Além disso, o atual governo federal tem investido de forma intensa na militarização escolar, sob o discurso de melhores condições de aprendizagem e disciplina.

As universidades públicas também têm sido alvo de duras críticas do governo atual, sendo consideradas locais de balbúrdia pelo atual presidente, fora os desmontes, os cortes de bolsas de pesquisa, a falta de manutenção de equipamentos, falta de reajuste salarial ao corpo docente e administrativo. Enfim, entendemos que a escola e a universidade são o caminho e condução para uma educação emancipatória. Rocha (2010, p.05) corrobora afirmando que:

A educação como esclarecimento envolve todo o processo formativo do homem, começando desde a infância, passando pela juventude, até a fase adulta, buscando as causas da barbárie para extingui-la estabelecendo condições de autonomia do pensamento, da consciência e da liberdade do indivíduo. Portanto, deve ser realizada principalmente, nas escolas e universidades, mas pode ser também através dos pais, de organizações, dos meios de comunicação e de outras instituições formativas.

Embora temos visto que os espaços formativos como escola e universidades estão sendo alvos de desmonte e negligenciado pelos órgãos governamentais. Precisamos firmar nossa resistência e pensarmos numa formação capaz de resistir os ditames dos desprovidos de consciência.

4.1 RESISTIR É PRECISO: POR UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA.

“Não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização” (ADORNO, 1995, p. 27).

Em *Educação para que?* Adorno defende que o indivíduo apenas sobrevive enquanto agente impulsionador da resistência. Em Adorno, resistência é a rejeição da coisificação do indivíduo, ou seja, ir na contramão da massificação, assim, quem não resiste torna-se conivente ou culpado pelos modos de submissão. Com base nisso, “ a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. ” (ADORNO, 1995, p. 182).

Desse modo, enfatizamos a importância da educação voltada para emancipação, ou seja, na plenitude da formação de professores que serão capazes de instruir à uma tomada de consciência. É preciso romper o paradigma de que professores são meros transmissores de conteúdo, e deixarmos de infantilizar a profissão docente.

Assim, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância em favor de uma formação emancipatória, despertando a autonomia, criticidade e liberdade desde a pequena infância, oposto do que é mostrado pelo videoclipe e da realidade por ele representada. Silva (2007, p.116) aponta que:

É preciso preparar as pessoas para a autonomia, para o poder da autoreflexão e autodeterminação, para o confronto com sua própria infância, porque depois de muito tempo, embebidas pela ideologia dominante, ao se virem diante de um novo momento, não sabem como lidar com ele, expondo assim, a força dos tentáculos do poder autoritário que continuam presentes na civilização mutilando a consciência. Por isso, quanto mais se investir na infância, num melhor tratamento das crianças, maior será a chance de superar a barbárie.

A intenção é que as intervenções docentes voltadas sejam direcionadas à experiência do pensar reflexivo desde a infância, culmine em sujeitos

autônomos, éticos, críticos e emancipados (ADORNO, 1995). O ambiente escolar deve ter como pressuposto a educação direcionada para a formação da criança não apenas para o mercado de trabalho, mas também em seu caráter humanizador.

Em certas ocasiões presenciamos uma educação pautada apenas em conteúdos, no acúmulo de atividades voltadas para memorização e instrumentalização, desconsiderando a essência da criança, o lúdico, o brincar, a imaginação, o faz de conta. Compreendemos a educação enquanto algo prazeroso, criativo, na partilha de conhecimento, construção social.

Algumas escolas têm utilizado o discurso e impulsionado uma educação voltada para o empreendedorismo competitivo, sabemos que tais discursos são reflexos de uma sociedade neoliberal, assim, é perceptível que a escola tem percorrido os ditames do capital. Silva (2019, p. 94) corrobora afirmando que:

A educação, por encontrar-se inserida em uma configuração social danificada, não tem permitido a autonomia dos indivíduos. Ela tem cumprido, no capitalismo, uma tarefa basilar para a dominação dos indivíduos: desviar a atenção do manifesto segredo ideológico. Segredo esse o qual as massas nem desconfiam, mas que é vital para que a dominação permaneça inalterada.

Essa concepção mercantilista que a escola tem tomado como pressuposto, tende a arruinar a formação tanto das crianças, como também comprometendo o trabalho docente, de modo que os professores passam a ser meros canais de transmissão de conteúdos. A educação pautada nessas condições e com esse viés técnico, torna-se potencializadora da semiformação, comprometendo o desenvolvimento da razão, da vida intelectual e cultural.

Na obra "Personalidade autoritária", Adorno revela que traços de autoritarismos são oriundos dos mecanismos da semiformação, pelos conteúdos irracionais e conformistas. (ADORNO, 1995, p.20). Nessa perspectiva cabe a nós enquanto professores resistirmos essa proposta de educação direcionada à massificação. " É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência. " (ADORNO,1995, p.21). Cabe lembrar que Auschwitz foi o puro reflexo da racionalidade instrumental. A educação que conduz à resistência deve ter como ponto de partida a consciência de contestação, ou melhor, do não conformismo. Educar para resistência, não é educar

para repressão, muito menos para formação de um sujeito forte, sem emoções, ou até mesmo para suportar o medo e a dor. Adorno (1995, p. 128) esclarece que:

“[...] a educação precisa levar a sério o que já de há muito e do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido.; quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecera provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido.

Tomamos por exemplo a canção aqui exemplificada e discutida é possível compreender que a canção se tornou um grito de resistência, ao não conformismo. A narrativa retrata sobre a vida de Pink, mas também exemplifica e comunga com a vida de outras pessoas que são vítimas da brutalidade, crueldade e das possíveis barbáries da vida cotidiana, onde são obrigadas a serem fortes e esconder suas fragilidades. Tais situações nos fazem refletir em como nossa sociedade está fragilizada e conformada com a estupidez humana e falta de empatia e amor ao próximo. Hannah Arendt (2008, p.33) nos alerta que:

O mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa. [...] Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possam nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discutilas com nossos companheiros.

Arendt (2008) quer dizer que podemos pensar em humanidade quando de fato termos a serenidade de dialogarmos, convivermos e nos respeitarmos. Do contrário, somos apenas um muro no tijolo, meros reprodutores de uma ordem social pautada na massificação, instrumentalização. Partindo desse pressuposto, “ O existir humano se tece por meio de relações interpessoais, de uma aspiração por viver bem, da busca incansável de um sentido na vida, nos fazendo entrar num campo da vida “não lógico”. (AGOSTINI,2017, p.144).

Em virtude de tudo o que discutimos nesse estudo é compreendermos que é urgente a necessidade de desbarbarização de nossa sociedade e imprescindível para nossa sobrevivência. Com base nisso, depositamos na educação a chave para a não repetição de Auschwitz, e que para além disso não sejamos tijolos no muro.

5. CONCLUSÃO

Ao retomar o objetivo principal desse estudo que foi analisar de forma crítica a propagação da barbárie na infância contemporânea e na educação enquanto processo formativo humano a partir das expressividades do videoclipe *Another Brick in the Wall*. A análise do videoclipe foi ancorada nos fundamentos da Teoria Crítica, permitindo-nos uma compreensão e sustentando-nos à uma reflexão sobre a barbárie refletida nos espaços educativos e social.

Diante disso, ao fazermos uma breve contextualização do percurso desse estudo, no primeiro capítulo objetivamos refletir sobre a Infância e cultura contemporânea: um olhar pelas lentes da teoria crítica”. Na discussão, ancoramo-nos nos fundamentos da Teoria Crítica para entendermos os ditames da contemporaneidade e seus reflexos. A partir disso, realizamos um percurso contextual da Teoria Crítica e de seus pensadores. Vimos que estamos inseridos num contexto social fragilizado, nos moldes do capitalismo e impulsionado pela Indústria Cultural, no qual Adorno nos alerta sobre a déficit emancipatório que a racionalidade instrumental nos impõe. Com base nisso, discutimos sobre a tecnificação da infância e a banalização da vida, tomamos como exemplo o atual contexto pandêmico e as aulas remotas. Assim, é extremamente urgente repensarmos de forma crítica o contexto social em que estamos educando nossas crianças e quais são as experiências que estão sendo proporcionadas. As reflexões de Kramer nos ajudam a pensar numa educação da primeira infância que seja capaz

No segundo capítulo nossos olhares foram direcionadas para análise do videoclipe *Another Brick in The Wall*, no qual foi permitido refletir sobre os reflexos da barbárie no processo formativo. O videoclipe veio de encontro com as discussões de Adorno sobre a massificação e os traços de barbárie. Refletimos sobre as concepções de autoridade e autoritarismo. A figura do professor autoritário

e a educação voltada para massificação. Refletimos também sobre a experiência em Walter Benjamin.

No terceiro capítulo, tratamos sobre a educação voltada para resistência e emancipação. Tendo em vista, que muitas vezes a educação tem sido direcionada para fins do sistema neoliberal, ou seja, preocupada na formação para o mercado de trabalho, sucumbindo seu poder de emancipação em mera reprodução conteudista.

Assim, os desdobramentos desse estudo revelaram que se faz urgente repensarmos na educação enquanto condição para emancipação. A utilização do videoclipe teve como intenção ilustrar como a barbárie reflete no campo formativo. Mostrando-nos como o passado se faz presente.

A não repetição de Auschwitz está ancorada numa perspectiva educacional direcionada para formação humana, autonomia e autorreflexão. Assim, não perpetuar a efemeridade de uma sociedade banalizada. Diante disso, enquanto professores precisamos resistir sem medo e com coragem os ditames da ordem estabelecida. Embora Adorno não adentre profundamente em questões sobre o conceito de infância, ele reconhece que a educação contra barbárie deve estar focada na primeira infância. Assim, impulsionando nossas crianças desde a tenra idade a serem capazes de resistir as relações tecnificadas de um mundo voraz.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. L. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. **Teoria Estética**. Trad. Artur Mourão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1992.

AGOSTINI, Nilo. A ética como tarefa fundamental da educação. In: SANTOS, Ivanaldo. (Org.). **Discurso e ensino: olhares interdisciplinares**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, v. 1, p. 129-148.

ALBERTINI, Marcelize Niviadonski Brites; DOMINGUES, Soraya Correa. Infância, consumo e educação: conexões e diálogos. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 13, n. 1, p. 21-37, 2016.

ARARIPE. Luiz de Alencar. Primeira guerra mundial. **História das guerras**, p. p. 319-53, 2011.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Editora Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Saraiva, 2001.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. Unesp, 1997.

HORKHEIMER, M. Meios e fins. *In*: HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2002. p. 9-6

IOP, Elizandra. Formação cultural, semicultura e indústria cultural: contribuições de Adorno sobre a emancipação. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 2, 2009.

JANUÁRIO. Adriano. **Educação e resistência em Theodor Adorno**. São Paulo: Edições Loyola. 2020.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Revista Teias**, v. 1, n. 2, p. 14, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Autoridade pedagógica ou autoritarismo na educação para a infância? Reflexões em Hannah Arendt e a teoria crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 456-469, 2019.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A lógica do consumo na sociedade contemporânea e sua influência na mediação do professor no processo de formação do pensamento infantil**. 2011. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Estadual de Maringá.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. A infância e a sociedade do consumo: indústria cultural e imaginário infantil. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 1, p. 5-15, 2015.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de; SOUZA, Ravelli Henrique de; ARAUJO, Karina de Toledo. Brinquedo sem brincadeira: reflexões sobre a indústria do brincar na infância contemporânea. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, p. 28-43, 2019.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã—na realidade e nas mentes—o que esperar da escola pós-pandemia. **Pedagogia em Ação**, v. 13, n. 1, p. 302-14, 2020.

PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino Cesar G. da; DURÃO, Fábio A. Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação. **Campinas, SP: Autores**

Associados, 2012.

ROCHA, Vanda Tereza Silva da. A formação de professores em uma perspectiva emancipatória. A formação de professores em uma perspectiva emancipatória. **IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, v. 1, p. 33, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

SILVA, Alex Sander da. **Educação e experiência estética**: desencantamento do conceito educativo. Santa Catarina: EdiUnesc, 2019.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. Infância, experiência e trabalho docente. 2007.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. A Teoria Crítica da Educação de Theodor Adorno e sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares. **Belo Horizonte: CNPQ (Relatório de Pesquisa)**, 2006.

ZANOLLA, Sílvia Rosa Silva. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. **Sociedade e cultura**, v. 13, n. 1, p. 117-123, 2010.

ANEXOS

ANEXO A

Letra completa

Another Brick In The Wall

Part. 1

Daddy's flown across the ocean

Leaving just a memory

Snapshot in the family album

Daddy what else did you leave for me?

Daddy, what'd'ja leave behind for me?!?

All in all it was just a brick in the wall.

All in all it was all just bricks in the wall.

"You! Yes, you behind the bikesheds, stand still lady!"

When we grew up and went to school

There were certain teachers who would

Hurt the children in any way they could

(oof!)

By pouring their derision

Upon anything we did

*And exposing every weakness
 However carefully hidden by the kids
 But in the town it was well known
 When they got home at night, their fat and
 Psychopathic wives would thrash them
 Within inches of their lives.*

Part. 2

*We don't need no education
 We dont need no thought control
 No dark sarcasm in the classroom
 Teachers leave them kids alone
 Hey! Teachers! Leave them kids alone!
 All in all it's just another brick in the wall.
 All in all you're just another brick in the wall.*

*We don't need no education
 We don't need no thought control
 No dark sarcasm in the classroom
 Teachers leave us kids alone
 Hey! Teachers! Leave us kids alone!
 All in all it's just another brick in the wall.
 All in all you're just another brick in the wall.*

*"Wrong, Guess again! 2x
 If you don't eat yer meat, you can't have any pudding.
 How can you have any pudding if you don't eat yer meat?
 You! Yes, you behind the bikesheds, stand still laddie!"*

Part. 3

*I don't need no arms around me
 And I don't need no drugs to calm me
 I have seen the writing on the wall
 Don't think I need anything at all*

*No! Don't think I'll need anything at all
 All in all it was all just bricks in the wall.
 All in all you were all just bricks in the wall.*

TRADUÇÃO

Outro Tijolo Na Parede

Pt. 1

*O papai voou pelo oceano
 Deixando apenas uma memória
 Foto instantânea no álbum de família
 Papai, o que mais você deixou para mim?*

*Papai, o que você deixou para mim?
Tudo era apenas um tijolo no muro
Tudo era apenas um tijolo no muro*

"Você! Sim, você atrás das bicicletas, parada aí, garoto! "

*Quando crescemos e fomos à escola
Havia certos professores que
Machucariam as crianças da forma que eles pudessem
(oof!)
Despejando escárnio
Sobre tudo o que fazíamos
E os expondo todas as nossas fraquezas
Mesmo que escondidas pelas crianças
Mas na cidade era bem sabido
Que quando eles chegavam em casa
Suas esposas, gordas psicopatas, batiam neles
Quase até a morte*

Pt. 2

*Não precisamos de nenhuma educação
Não precisamos de controle mental
Chega de humor negro na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz!
Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos na parede*

*Não precisamos de nenhuma educação
Não precisamos de controle mental
Chega de humor negro na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professores! Deixem nós crianças em paz!
Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos na parede*

"Errado, faça de novo! "

*"Se não comer sua carne, você não ganha pudim
Como você pode ganhar pudim se não comer sua carne? "
"Você! Sim, você atrás das bicicletas, parada aí, garota! "*

Pt. 3

*Eu não preciso de braços ao meu redor
E eu não preciso de drogas para me acalmar
Eu vi os escritos no muro
Não pense que preciso de algo, absolutamente*

Não! Não pense que eu preciso de alguma coisa afinal

*Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos na parede*